



TECEDURAS DE EDITH HEAD: O FIGURINO DA HEROÍNA EM ALFRED HITCHCOCK

Weaves of Edith Head: the heroine costume in Alfred Hitchcock

Fischer, Sandra; Pós-doutora; Universidade Tuiuti do Paraná - UTP,
sandrifischer@uol.com.br¹

Alécio, Manuela Campos Machado; mestre e doutoranda Universidade Tuiuti do
Paraná - UTP, manuelaalecio@me.com²

Resumo: Parte-se das estratégias de produção de sentido utilizadas nas composições figurinistas e identificar aquelas estrita e determinantemente atreladas à construção da heroína Hitchcockiana, figurativizada como mulher de personalidade forte, comumente tida pelo público em geral como “linda, perigosa e gélida” nos filmes *Janela Indiscreta*, *Ladrão de Casaca*; *O homem que sabia demais* e *Um corpo que cai*.

Palavras chave: Cinema; figurino e construção de personagem; Head e Hitchcock.

Abstract: The research aims at detecting the costume design meaning production strategies adopted and identifying those strictly attached to Hitchcock’s heroine outline, presented as a woman of remarkable personality and considered by the public in general as “beautiful, dangerous and cold” on four films: *Rear Window* (1954), *To catch a thief* (1955), *The man who knew too much* (1956) and *Vertigo* (1958).

Keywords: Cinema; Costume design and character composition; Head and Hitchcock.

Introdução

¹Doutora em Ciências da Comunicação (ECA/USP); pós-doutora em Cinema (ECO/UFRJ). Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Pesquisadora associada Grupo de Pesquisa *Desdobramentos Simbólicos do Espaço Urbano em Narrativas Audiovisuais* – GRUDES (PPGCom/UTP - CNPq).

²Doutoranda pelo PPGCom/UTP e mestre em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade. Técnica em Estilismo de Confeção Industrial (SENAI). Professora da Pós-graduação em Produção de Moda e *Styling* da Universidade Positivo (UP). Pesquisadora associada ao GRUDES (PPGCom/UTP - CNPq).





Há uma multiplicidade de ligações entre o cinema e a moda. Laços e correlações podem ser observados a partir de temáticas, personagens, padrões corporais e comportamentais, cenários, fotografia, figurinos, e outros tantos elementos que compõem um filme. O figurino, particularmente, revela-se como instância fundamental em termos de construção de personagem. Funciona, em maior ou menor escala, não apenas como indicativo, mas como definidor, por exemplo, de inserções sociais e cronotópicas, caracterizações psicológicas e comportamentais. Este trabalho tem como objetivo estabelecer as bases estruturais e metodológicas para uma análise sobre o papel e o funcionamento do figurino criado pela estilista e figurinista Edith Head para as personagens femininas em produções do cineasta Alfred Hitchcock, inseridas na década de 1950. O recorte, presentemente, constitui-se de quatro filmes entre os anos de 1954 e 1958: *Janela Indiscreta* (1954), *Ladrão de Casaca* (1955), *O homem que sabia demais* (1956) e *Um corpo que cai* (1958). Hitchcock entrou para a história do cinema ao exibir em sua obra uma série de protagonistas loiras, interpretadas por atrizes com perfil semelhante: todas eram consideradas notavelmente belas, em acordo com os padrões clássicos vigentes na época; exibiam comportamento predominantemente conservador e discreto, mas ainda assim revelavam-se atraentes e sexualmente desejáveis; suas performances e os lugares que ocupavam na trama eram envoltos em uma aura de vulnerabilidade e mistério. Neste contexto, busca-se detectar as estratégias de produção de sentido utilizadas nas composições figurinistas e identificar aquelas mais estrita e determinadamente atreladas à construção das heroínas Hitchcockianas, figurativizadas como mulheres de personalidade





forte, e comumente tidas pelo público em geral como “lindas, perigosas e gélidas”.

O figurino e a personagem

Os figurinos têm a função de construção da personagem, de definir sua inserção social e traçar suas características psicológicas. Assim, apresenta-se uma profusão de ligações entre o cinema e a moda, caracterizadas pela relação dos figurinos. Para o pesquisador de cinema e conservador-chefe da cinemateca do MAN do Rio de Janeiro, Hernani Heffner, figurinistas só começaram a ser “creditados de forma bastante pontual, a partir da década de 1930, coincidindo com a chamada era dos grandes estúdios” (FARAH, 2016, p.17). Para a jornalista de moda, Glória Kalil, o estilista exerce função distinta do figurinista, pois, “o figurinista não veste uma sociedade – veste uma só pessoa” (FARAH, 2016, p.14). Kalil, cita a função do estilista como um lançador de tendências, tendências estas que antecipam os desejos de uma sociedade sem que haja reconhecimento por parte desta, até que caia no gosto popular. Para a jornalista, o figurinista não tem a intenção de inventar a moda, mas de usar-se dela para compor o perfil psicológico e social da personagem.

Como o figurino apresenta funções específicas, desde a criação dos traços da personagem, até a sua inserção no ambiente e cenário, o inesperado pode acontecer. A roupa criada para a composição pode acabar virando moda, muito por conta da identificação do expectador com a atriz ou mesmo com a personagem em questão. Vestir a roupa e os acessórios seria quase como tornar-se a personagem assistida na tela. Dai, dificilmente não se encantar com





alguns figurinos desenhados por Edith Head e usados por Grace Kelly, Doris Day e Kim Novak, entre os anos de 1950, nos filmes de Alfred Hitchcock.

Os seis *looks* de Lisa Freemont

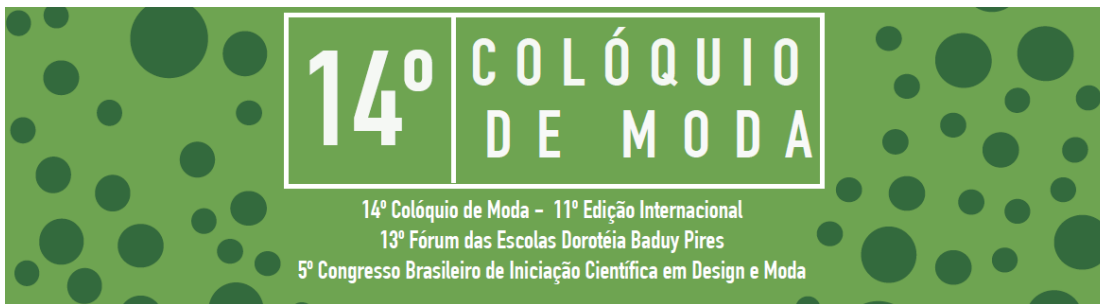
O ano é 1954, a figurinista e estilista norte-americana, Edith Head, projeta como figurino para a personagem de Grace Kelly, no suspense *Janela Indiscreta*, o estilo *New Look*, apresentado em 1947 pelo estilista francês, Christian Dior, traduzido em saias amplas com metros e metros de tecidos. O *New Look* de Dior, se faz bastante presente e marcante nos trajes assinados por Head durante a década de 1950 e suas roupas mostram as tendências de moda da época: reduzidas em vestidos de cintura marcada e alfaiataria clássica. Ao todo são seis *looks* em um filme de 112 minutos.

Em Nova York, o fotógrafo Jeff, interpretado por James Stewart, está preso em seu pequeno e quente apartamento por ter quebrado a perna enquanto trabalhava. Como não tem praticamente nada para fazer, desperta o interesse pelo cotidiano de seus vizinhos. É quando começa a suspeitar que um assassinato foi cometido pelo marido contra a esposa debilitada.

No primeiro figurino e talvez o mais marcante do longa, Lisa, vivida por Grace Kelly, aparece quase como uma assombração para o seu namorado, Jeff, que tenta fugir do assunto casamento com a linda, elegante, rica e quase intocável namorada.

O *top* é composto por *body* de veludo preto em decote “V”, ressaltando o colo da personagem. A saia godê branca muito volumosa com bordados ressalta a cintura fina de Kelly. A sandália é de tiras preta e a echarpe é branca. Os cabelos estão presos com ondas, a pele é perfeitamente maquiada





com destaque ao batom vermelho, brincos, colar e pulseira de pérolas em formato delicado.

O segundo *look* mantém as mesmas proporções: vestido preto com cintura marcada, *scarpim* preto, as pérolas nos brincos e no colar - agora com três voltas -, além do mesmo penteado e maquiagem. É quase na metade do filme e no segundo *look*, que Lisa começa a se interessar pela obsessão de seu namorado; a investigação do assassinato de seu vizinho contra a esposa. A loira, linda, gélida e desinteressante para o protagonista, revela-se uma mulher destemida e aventureira.

François Truffaut, na obra “Hitchcock Truffaut: entrevistas”, descreve: “O problema de James Stewart é que ele não tem vontade de se casar com Grace Kelly” (TRUFFAUT, 2004, p.216) e até este momento, Jeff somente vê atos e gestos de seus vizinhos que ilustram dificuldades com as relações amorosas. O fotojornalista, observa nos apartamentos em frente ao seu: a mulher sozinha, que não tem marido, namorado ou amante, o músico solteiro que se embriaga todas as noites, o casal sem filhos que transferiu o afeto ao cachorro e até um misterioso desaparecimento de uma mulher, cujo marido é o principal suspeito.

O terceiro *look* da protagonista, agora interessada no desfecho do crime, fica mais sóbrio e recatado que os dois anteriores. Trata-se de um *tailleur* verde-menta, com top frente única, pérolas em brincos e pulseira, coque impecável e chapéu pequeno. Agora, ela age como um “detetive”, solucionando o caso tranquilamente: afinal, para Lisa, mulheres não saem de casa e muito menos viajam sem suas joias.

O quarto *look* trata-se de uma camisola de cetim, em tom rosa claro, decote “V” profundo e cintura marcada. Aqui, tem-se a ideia de uma noite de amor





entre os protagonistas que, não será frutífera, diante dos gritos de horror de uma das vizinhas que descobre o seu cachorro morto. Mais uma vez, a atenção de Lisa e Jeff volta-se para fora do apartamento do protagonista.

Figura 1: Frames do filme *Janela Indiscreta*: figurinos da protagonista, Lisa (looks 01, 02, 03, 04 e 05)



Fonte: <https://flixchatter.net/2015/01/>, 2018 e <https://alisonkerr.wordpress.com/2012/06/07/style-on-film-rear-window/>, 2018

Lisa, no quinto *look* usa um vestido estampado de fundo branco com flores em tom laranja. Repete-se o modelo de saia ampla, cintura marcada, joias delicadas e sapatos vermelhos de salto fino. A protagonista aparentemente com esta roupa desconfortável, está mais vulnerável e mais frágil. Mas, é neste momento que ela se revela uma mulher corajosa e audaciosa; sobe escadas, pula janela e arrisca a vida enfrentando o vizinho assassino sob o olhar apreensivo de Jeff. Nas palavras de Truffaut:

Ela se introduz no apartamento do assassino para encontrar uma prova contra ele e descobre a aliança da esposa. Passa a aliança no dedo e põe a mão para trás, a fim de que, do outro lado do pátio, Stewart veja a aliança pelo binóculo. Para Grace Kelly é como uma dupla vitória, ela é bem-sucedida em sua investigação e conseguirá se casar. Já “tem o anel no dedo”. (TRUFFAUT, 2004, p.224)



No sexto e último *look* de Lisa, a câmera lentamente vai passando pelo seu mocassim (até agora a personagem apareceu somente com sapatos de salto fino), calça jeans (outra peça que não havia aparecido no figurino de Lisa), camisa laranja e nenhuma joia. A roupa casual que a personagem usa ao final do filme sugere que ela era se inseriu no mundo de Jeff, ainda mais porque ela lê um livro de aventuras ao lado do protagonista. Quando este cai no sono, imediatamente Lisa troca a leitura por uma revista de moda comprovando que nada mudou, por mais que o seu visual diga o contrário.

Figura 2: *Frames* do filme *Janela Indiscreta*: figurino da protagonista, Lisa (*look* 06)



Fonte: <http://classiq.me/style-grace-kelly-in-rear-window/>, 2018 e <http://www.tasteofcinema.com/2012/fashions-in-rear-window/>, 2018

Os dez looks de Frances Stevens

O ladrão de joias aposentado, o americano John Robie, conhecido como "Gato", é o principal suspeito de uma série de roubos de joias na Riviera Francesa, local onde John, a personagem de Cary Grant, vive tranquilamente. Para não ser preso, já que estes crimes são parecidos com os que ele costumava praticar, o ex-bandido, começa a investigar os crimes paralelamente à polícia local. É neste contexto que conhece a bela Frances Stevens, e decide utilizá-la como isca para descobrir o verdadeiro ladrão de joias.

7





Indicado ao Oscar de melhor figurino, *Ladrão de Casaca*, de 1955, não venceu, mas a personagem de Grace Kelly promoveu um desfile em 10 *looks* assinados por Edith Head, ao longo dos 107 minutos. A ideia de Hitchcock era exhibir para a personagem uma elegância fria e distante. Frances, personagem de Grace Kelly, é uma milionária norte-americana, convencionalmente, linda, jovem, inteligente, bem-educada e, ao lado da mãe, de poucas palavras.

Os *looks* criados por Head sob supervisão de Hitchcock vão deste trajas de banho compostos por maiô e turbante amarelos complementados por óculos brancos, maiô preto frente única finalizado por uma quase transparente saia de linho, sandálias anabela e chapéu de abas largas, passando por vestidos para o dia com saias rodadas e cortes de inspiração japonesa, a vestidos deslumbrantes de festa; como o longo azul tomara que caia, o longo branco também tomara que caia adornado com colar de diamantes e, por fim, o tomara que caia dourado com luvas longas, arrematado por maquiagem dourada tanto nos cabelos quanto nos olhos.

Frances, está acostumada a ser admirada, mas sua insegurança é: atrai os homens pela sua personalidade ou pelo seu dinheiro? Quando está sozinha com John Robie, é falante e independente ou, nas palavras do ator principal: “obstinada, peculiar e virtudes admiráveis” (LADRÃO DE CASACA, 1955). Para Hitchcock, a personagem de Grace Kelly é “impassível, fria, (...) com um ar clássico, muito bonita e muito glacial. Mas quando circula nos corredores do hotel e Cary Grant a acompanha até a porta de seu quarto, o que faz? Afunda seus lábios nos dele” (TRUFFAUT, 2004, p.227).

Figura 3: *Frames* dos 10 *looks* de Frances Stevens em *Ladrão de Casaca*





Fonte: <https://theblondeatthefilm.com/2013/10/22/to-catch-a-thief-1955/to-catch-a-thief-grace-kelly-edith-head-costumes/>, 2018

Ainda nas palavras de Robie: a “insegura, inquieta, que gosta de seduzir” (LADRÃO DE CASACA, 1955), Frances, ajuda a solucionar a grande questão do filme, uma série de roubos de joias na Riviera Francesa. Ao final do filme, Frances, que toma iniciativa de todas as ações com Robie, como o primeiro beijo, os convites para tomar café, nadar, passeio de carro, *drink* no quarto, que confirma a sua superioridade pela postura e vestimenta, demonstra a intenção de casar e na sequência, um sino de igreja badala. Contudo, para Hitchcock, o final não é feliz: “Cary Grant deixa-se convencer, vai se casar com Grace Kelly, mas a sogra irá morar com eles. Assim, é quase um final trágico” (TRUFFAUT, 2004, p.227).

Doçura e esperteza de Jo McKenna





Durante um período curto de férias no Marrocos o médico Ben McKenna, sua adorável esposa e ex-cantora e o filho do casal, se envolvem acidentalmente em uma trama internacional de assassinato. Para impedir que Ben, vivido por James Stewart, denuncie a polícia, os bandidos resolvem então sequestrar seu filho.

Em *Homem que sabia demais*, de 1956, logo no início da trama, percebe-se que a personagem principal, Jo, vivida por Doris Day, experimenta um dilema. É feliz ao lado do marido, um médico no interior dos Estados Unidos, mas sente falta dos palcos e das apresentações, deixando esta queixa evidente a terceiros. Também, logo no início do longa, percebe-se o incômodo da personagem quanto a algumas pessoas que se aproximam da família. Seria sexto sentido feminino ou paranoia?

Quando o filho do casal é sequestrado, ela é a primeira a descobrir a igreja em que o menino estava escondido, a primeira a chegar no local de tentativa de assassinato ao primeiro ministro britânico e tem a ideia de cantar a música “Que Será, Será” (*Whatever Will Be, Will Be*), compartilhada em momentos afetivos com o filho para que ele perceba que ela está no lugar, e assim possa salvá-lo. A personagem mostra-se além de uma brilhante cantora, esperta e perspicaz, mesmo ouvindo as instruções do impulsivo marido.

São apenas 4 *looks* de Doris Day, um número evidentemente menor se comparando ao longa, *Ladrão de casaca*. Edith Head manteve-se fiel ao *New Look* de Dior, em especial no segundo figurino da trama, composto por vestido branco com estampa de flores verdes rodado, cintura marcada por um cinto largo branco, sapatos de salto fino, luvas, joias delicadas, pele perfeita, batom vermelho e coque volumoso impecável. Entretanto, a partir da metade do filme,





a procura desesperada pelo filho já em Londres, transforma os figurinos alegres do Marrocos em um *tailleur* cinza correto e frio, antecipando o figurino da personagem Madeleine no suspense, *Um corpo que cai*, de 1958.

Nota-se a preocupação de Hitchcock e Head na transformação da personagem ao longo da trama, como o próprio cineasta descreve: “(...) cores vivas e alegres no início do filme, e suas roupas foram ficando mais escuras à medida que a trama ia se tornando mais ‘sombria’” (TRUFFAUT, 2004, p.211-212).

Figura 4: Bastidores de *O Homem que Sabia Demais*: o *tailleur* sóbrio de Jo e Alfred Hitchcock



Fonte: <https://theredlist.com/wiki-2-17-513-863-821-979-view-mystery-suspense-profile-1956-bthe-man-who-knew-too-much-b.html/>, 2018

Duas personagens em um mesmo corpo

Em *Um corpo que cai*, de 1958, Scottie, vivido por James Stewart, um ex-inspetor afastado da polícia é encarregado por um amigo de vigiar a bela e enigmática mulher dele, Madeleine, personagem de Kim Novak. Scottie, a segue por todos os lugares, mas, não consegue conter o suicídio da personagem. Neste momento, a personagem de Stewart, já apaixonado por Madeleine, cai em



depressão profunda. Até que um dia, encontra uma sócia de Madeleine, Judy. Tão logo o expectador percebe que se trata da mesma mulher, menos Scottie. Temos Madeleine e Judy, duas mulheres esteticamente diferentes, mas que ocupam um mesmo corpo: ora simples ora sofisticado. As roupas de Madeleine têm corte perfeito e tecidos refinados, seu cabelo em coques volumosos e sua maquiagem são impecáveis. Madeleine é rica, elegante, distante e sensual. Já Judy se veste de forma simples, usa tecidos baratos e cores fortes, roupas sem refinamento e maquiagem exagerada, fala com sotaque do interior do Kansas e o jeito de andar e de se vestir é quase vulgar.

Figura 5: *Frames* de Madeleine e Judy em *Um corpo que cai*



Fonte: <https://unblog7.wordpress.com/2012/01/22/vertigo-made-woman-kim-novak/>, 2018

Um dos figurinos desenvolvidos por Head e objeto de polêmica por Kim Novak, atriz responsável por trazer à tona as duas personagens em questão, é o *tailleur* cinza com modelagem perfeita no corpo de Novak. Este figurino vai se repetir no momento de descoberta de Sottie, quando se revela que Madeleine e Judy são a mesma pessoa. O cinza, foi a única cor rejeitada por Novak na

12





composição do figurino e eis que se tornou a cor e o figurino mais importante do longa. Nas palavras de Hitchcock:

A sra. Novak chegou ao *set* com a cabeça cheia de ideias que, infelizmente, para mim era impossível partilhar. (...). Fui encontrar com a sra. Novak no camarim e lhe expliquei os vestidos e penteados que ela deveria usar: aqueles que eu tinha previsto vários meses antes. (TRUFFAUT, 2004, p.249)

Em *Um corpo que cai* o elemento principal é o ato de criar uma identidade por meio da vestimenta, e para Hitchcock, a história deste filme interessava muito menos que o efeito visual dos atores na tela. Aqui, tem-se a única personagem dos quatro filmes elencados neste artigo, que não triunfa no final, ao contrário, seu fim é trágico.

Considerações Finais

O presente artigo teve por objetivo a análise dos figurinos nos filmes realizados pelo cineasta inglês, Alfred Hitchcock juntamente com a figurinista norte-americana, Edith Head, nos anos de 1950. Delimitou-se como objeto de análise, os anos 1954 e 1958: *Janela Indiscreta* (1954), *Ladrão de Casaca* (1955); ambos estrelados por Grace Kelly, *O homem que sabia demais* (1956) com Doris Day como personagem principal e *Um corpo que cai* (1958) com a atriz Kim Novak, atuando como duas personagens esteticamente distintas, inferindo seus traços psicológicos. Hitchcock entrou para a história do cinema ao exibir uma série de protagonistas loiras, atrizes com perfil semelhante: bonitas, condizentes para os padrões vigentes na época, com ar clássico e glacial e, ao mesmo tempo, misteriosas e vulneráveis, desejáveis e





discretas. Neste contexto, buscou-se esmiuçar a importância dos figurinos criados por Head para a composição das heroínas dos filmes em pauta. Figurinos estes, compostos, em grande parte, por vestidos com cintura marcada, salto alto e fino, luvas e joias delicadas como adorno. A beleza das personagens é elaborada por cabelos ondulados ou presos em coques com volume e a maquiagem é formada por batom vermelho e pele perfeita, contrapondo a personalidade forte de suas protagonistas: lindas, destemidas e gélidas.

Como bem descreve Kalil: “Um acidente mágico que acontece, às vezes, na vida de um bom figurinista. As passarelas da moda e do cinema desfilam com intenções diversas, mas se encontram em algum ponto do desejo e do imaginário do público” (FARAH, 2016, p.15).

Pode parecer óbvio dizer que o cinema sem a moda e o figurinista não seria capaz de desenvolver narrativas tão ricas e tampouco a identidade, classe social e humor da personagem. É a partir dos tecidos (mais simples ou sofisticados), das cores (mais vibrantes ou opacas), das formas (mais simples ou mais elaboradas) e texturas, que se identifica o período histórico, o contexto social e a subjetividade da personagem. E, na elaboração dos figurinos, Hitchcock e Head eram imbatíveis nos anos de 1950.

Referências

- BAUDOT, F. *Moda do século*. 4 ed. Tradução de Maria Teresa Resende Costa. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- BORDWELL, D; THOMPSON, K. **A arte do cinema**: uma introdução. Tradução de Roberta Gregoli. São Paulo: USP, 2013.





CARA, M. **Vestidas para representar**: o figurino feminino nos clássicos de Hitchcock. Disponível em

<<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/viewFile/361/358>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

FARAH, A. **101 filmes para quem ama moda**. São Paulo: Senai, 2016.

GIUDICE, C. **Retrato do artista**: atores e atrizes do cinema mundial. São Paulo: abril, 2010.

JANELA indiscreta. Direção Alfred Hitchcock. Estados Unidos. Paramount, 1954. 1 DVD (112 minutos).

KROHN, Bill. **Alfred Hitchcock**. Cahiers du cinema. Paris: Phaidon, 2010.

LADRÃO de casaca. Direção Alfred Hitchcock. Estados Unidos. Paramount, 1955. 1 DVD (97 minutos).

MENDES, V.; Haye, A. **A moda do século XX**. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MERTEN, L. **Alfred Hitchcock**, o dono do rebanho, e suas atrizes lendárias. Disponível em: <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/artes,alfred-hitchcock-o-dono-do-rebanho-e-suas-atrizes-lendarias,339039>>. Acesso em 24 jul. 2018.

O HOMEM que sabia demais. Direção Alfred Hitchcock. Estados Unidos. Paramount, 1954. 1 DVD (120 minutos).

TRUFFAUT, F. **Hitchcock Truffaut**: entrevistas. Tradução de Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

UM CORPO que cai. Direção Alfred Hitchcock. Estados Unidos. Paramount, 1958. 1 DVD (120 minutos).

